



O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)
210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

ANO 2013

MAIO

Nº 63

Coltan (texto traduzido do espanhol)

Alberto Vazquez-Figueroa

Nota do Editor: conforme o Cel Altino Berthier Brasil, eminente estudioso dos problemas da Amazônia brasileira, o assunto interessa muito ao Brasil, que possui reservas dos metais formadores da liga Coltan, fato que tanto interessou ao então ministro Roberto Mangabeira Unger por ocasião de sua meteórica passagem pelo governo Luís Inácio da Silva. Em primeira análise, o mesmo que as grandes potências estão fazendo na África poderão fazer por aqui, em busca do Coltan.

Coltan é uma abreviatura para a columbita-tantalita, uma gama de minerais formados pela mistura de ambos. De cor azul metálico, dela é extraído o tântalo, que apresenta grande resistência ao calor, assim como extraordinárias propriedades elétricas. O principal produtor de Coltan é a Austrália, embora existam reservas comprovadas ou em exploração no Brasil, Tailândia e na República Democrática do Congo (RDC), esta última com cerca de 80 por cento das reservas mundiais estimadas.

Segundo relatos de agências internacionais e da imprensa a exportação de Coltan tem ajudado a financiar 'vários bandos' da segunda guerra do Congo, um conflito com um saldo de cerca de quatro milhões de mortes. Ruanda e Uganda exportam Coltan roubado do Congo para os Estados Unidos, onde ele é usado na fabricação de produtos de alta tecnologia como telefones celulares, aparelhos de DVD, video-jogos, etc.

A columbita e a tantalita são considerados metais altamente estratégicos e, ao insistir que 80% estão na RDC, está claro por que lá existe uma guerra desde 1998, por que os seus vizinhos, Ruanda e Uganda, ocupam militarmente parte do território congolês e por que causaram a morte de quatro milhões de pessoas. É que o Coltan é um metal essencial para o desenvolvimento de novas tecnologias para estações espaciais, as naves tripuladas que são lançadas ao espaço e, sobretudo, para as armas tele-dirigidas.

Não é preciso muito conhecimento de direito internacional para dizer que esta guerra constitui a maior injustiça, em escala global, que está sendo cometida contra um Estado soberano. Nas últimas décadas a história nos deu muitos exemplos de assalto e, até mesmo, de ocupação militar de um país independente: o Iraque invadiu o Kuwait e os Estados Unidos fizeram o mesmo em Granada, mas com resultados diferentes. Foram bombardeados países como Afeganistão e Iraque. Bombardeios amparados em um duvidoso respaldo da ONU, o que não tinha sido feito desde a invasão dos países europeus pela Alemanha de Hitler. É a ocupação pura e dura de um Território com o fim de aniquilar seus cidadãos e explorar seus recursos minerais.

De acordo com um grupo de especialistas da ONU, o Exército Patriótico Ruandês montou uma estrutura para supervisionar a atividade de mineração no Congo e facilitar os contatos com empresários e clientes ocidentais. O minério é transportado por caminhão para Kigali, capital da Ruanda, onde é tratado nas instalações da Sociedade Mineira de Ruanda antes de ser exportado. Os destinatários são os EUA, Alemanha, Holanda, Bélgica e Cazaquistão. A Sociedade Mineira dos Grandes Lagos tem monopólio no setor e financia o movimento rebelde Reagrupação Congoleza para a Democracia, que tem cerca de 40 mil soldados, apoiados por Ruanda. Com as vendas de diamantes essas organizações ganhavam cerca de 200.000 mil dólares por mês. Com o Coltan, ganham mais de um milhão.

Informações reservadas da ONU revelam que o tráfico é organizado pela filha do Presidente casaqui Nursultan Nazarbaev, que é casada com o diretor-geral de uma empresa do Casaquistão que extrai e refina urânio, Coltan e outros minerais estratégicos.

Isto é, em termos gerais, a teia de aranha de um negócio internacional que está alimentando uma guerra no coração da África e empobrecendo os cidadãos de um dos países mais ricos do planeta. Mas há mais: o Serviço de Informação Internacional para a Paz Internacional tem realizado um estudo aprofundado sobre as empresas ocidentais vinculadas com o Coltan e, portanto, com o financiamento da guerra na República Democrática do Congo. Alcatel, Compaq, Dell, Ericsson, HP, IBM, Lucent, Motorola, Nokia, Siemens e outras empresas de ponta utilizam capacitores e outros componentes que contêm tântalo. Também o fazem as empresas que fabricam estes componentes como AMD, AVX, Epcos, Hitachi, Intel, Kemet, NEC.

Devemos enfatizar mais uma vez: estes obscuros negócios são, em primeira instância, os culpados de uma guerra não menos dramática do que esquecida. Com um agravante: temores de que, sobre o território da RDC, pese a ameaça da fragmentação. Ou seja, a divisão em vários estados, o que facilitaria a exploração dos recursos minerais. Por ter denunciado isso, o exército ruandês matou o monsenhor Christophe Munzihirwa, arcebispo de Bukavu.

O Centro de Estudos Internacionais do Tântalo-Nióbio na Bélgica (um país com laços tradicionais no Congo) recomendou aos compradores internacionais que evitem o Coltan da região do Congo, por razões éticas. No nível econômico, algumas multinacionais e grandes compradores deste mineral não estão interessados em que os conflitos sociais decorrentes da extração mineral sejam tornados públicos nos meios de comunicação. Estes últimos, por sua vez, se vêem condicionados pelo medo de perder importantes contratos publicitários. As propriedades físico-químicas 'mágicas' desse mineral também são fundamentais para as indústrias eletrônicas, de usinas nucleares, espaciais, aparelhos de diagnósticos médicos não invasivos, fibra ótica, etc.

Sem dúvida, 60% da sua produção vai para a produção de capacitores/condensadores e outros componentes de telefones celulares. As grandes marcas começaram as disputas pelo controle da região através de aliados autóctones, um fenômeno ao qual Madeleine Albright considerou "a segunda Guerra Mundial africana".

Em 1997, foi deposto o presidente congolês Mobutu Sese Seko, que mantinha íntima relação com capitalistas imperialistas franceses. Kagame, atual presidente de Ruanda, que estudou em centros militares dos Estados Unidos e da Inglaterra, e Museveni, presidente de Uganda, um país considerado por Washington como um exemplo para os países africanos, lideraram a conquista da capital da RDC, Kinshasa, e colocaram um amigo, Laurent Kabila, no cargo. Novas concessões mineiras foram conferidas a diversas empresas, entre as quais figuram a Barrick Gold Corporation, do Canadá, e a American Mineral Fields, na qual Bush, o pai do anterior presidente dos Estados Unidos, tem notáveis interesses.

O Coltan e a guerra do Congo (Texto complementar. Pode haver alguma repetição) (latinoamericana.org/2003/textos/portugues/Coltan.htm)

"Coltan" é a combinação de duas palavras que correspondem aos respectivos minerais: a columbita e a tantalita, dos quais se extraem metais mais cobiçados do que o ouro. Se tomarmos em conta que estes metais são considerados altamente estratégicos e agregarmos que 80% das suas reservas encontram-se na República Democrática do Congo, começaremos a vislumbrar porque há uma guerra neste país desde o dia 2 de agosto de 1998, porque dois países africanos como Ruanda e Uganda ocupam militarmente parte do território congolês, e porque já morreram mais de dois milhões de pessoas. O Coltan é essencial para as novas tecnologias, estações espaciais, naves tripuladas que se lançam no espaço e às armas mais sofisticadas.

Já ninguém pode ignorar que a guerra de que padece a República Democrática do Congo tem como causa a depredação de metais preciosos e recursos estratégicos. Com isso se enriquecem alguns, e se financia a própria guerra. Os culpados são muitos.

Um milhão de dólares por mês

O Exército ruandês translada o mineral até Kigali, capital de Ruanda, onde é tratado nas instalações da *Sominwa* (Sociedade Mineira de Ruanda), antes de ser exportado. Os destinatários finais são os EUA, Alemanha, Holanda, Bélgica e Cazaquistão. A companhia *Somigi* (Sociedade Mineira dos Grandes Lagos) tem o monopólio do setor; é uma empresa mista de três sociedades: *Africom* (belga), *Promeco* (ruandesa) e *Congecom* (sul-africana). Entrega 10 dólares por cada quilo de Coltan exportado ao movimento rebelde Reagrupação Congoleza para a Democracia (RCD), que conta com cerca de 40.000 soldados, apoiados por Ruanda.

A mestiça paquistanesa-burundinesa Azazi Gulamani Kulsum, uma contrabandista famosa na região dos Grandes Lagos, é a gestora da *Somigi*. Esta mulher começou sua carreira em Bunia, vendendo tabaco de contrabando. Muito próxima ao dirigente hutu burundinês Léonard Nyangoma, era considerada há até pouco tempo a principal abastecedora de armas dos rebeldes ruandeses hutus. Hoje, graças à *Somigi*, trabalha com o exército ruandês, que a princípio se encontra em Kivu para perseguir aos hutus.

Na zona controlada pelos ugandeses - assinalou a jornalista Marina Rini depois de visitar o noroeste da R.D. do Congo - não existe monopólio. Assegura que em Butembo operam seis grandes compradores estrangeiros, oficialmente em competição entre si. Os empregados estrangeiros, com exceção de um ugandês, são todos russos ou cazaques. Sem revelar sua identidade confessaram a Marina Rini: "Vivíamos há muitos anos na África do Sul e agora viemos comercializar o coltan".

Companhias ocidentais na exploração do Coltan

Esta é, em linhas gerais, a sutil teia de um negócio internacional que está alimentando uma guerra no coração da África e empobrecendo os cidadãos. O IPIS (Serviço de Informação para a Paz Internacional) realizou um estudo sobre a vinculação das empresas ocidentais com o Coltan e com o financiamento da guerra na RDC.

Os documentos reunidos por esta organização estabelecem que a companhia belga *Cogecom sprl* é um sócio chave no monopólio instaurado pelos rebeldes congolezes. As transações entre *Somigi* e *Cogecom* envolveram 600.000 dólares para a RCD somente no mês de dezembro de 2000. Outras transações similares aconteceram entre *Somigi* e *Cogear*, uma companhia com uma direção fictícia na Bélgica.

A investigação sobre as atividades do grupo alemão *Masingiro GMBH* revelam três transações comerciais realizadas entre junho e setembro de 2001 e que cobriam a exportação de 75 toneladas de Coltan. As quantidades em jogo fazem pensar que o Coltan exportado pela companhia alemã procede de estoques acumulados pelo monopólio da RCD (a *Somigi*). Este coltan foi enviado à Alemanha através do aeroporto de Ostende e do porto de Amberes pelas três companhias de transporte TMK (vinculada à RCD), A.B.A.C. e NV Steinweg (Bélgica). O Coltan estava destinado sem dúvida à fábrica de tratamento de tântalo em mãos de *H.C. Starck*, filial da Bayer e líder mundial na matéria.

O homem de negócios suíço Chris Huber parece jogar um papel primordial no financiamento do esforço de guerra em Ruanda. A investigação demonstra que suas companhias *Finmining* e *Raremet* compram o coltan da *Rwanda Metals*, uma companhia que atua em nome do exército ruandês e o revende à fábrica de transformação Ulba no Cazaquistão. Sabe-se que existem transações entre a *Finmining* e a companhia cazaque de fretes *Ulba Aviadomapnia/Irtys Avia* para o envio de Coltan de Kigali ao Cazaquistão. Chris Huber poderia estar ligado a Victor Bout, um conhecido traficante de armas, fornecedor de diferentes grupos rebeldes e armados.

Eagle Wings Resources (EWR) é uma joint-venture (empresa de risco compartilhado) entre a norte-americana *Trinitech* e a holandesa *Chemi Pharmacie Holland*. O representante local da EWR em Kigali é Alfred Rwigema, cunhado do presidente Paul Kagame. O informe das Nações Unidas acusa o

presidente ruandês de jogar um papel motor (sic) na exploração dos recursos naturais da República Democrática do Congo. A direção da EWR afirma ter rechaçado propostas comerciais da *Grands Lacs Metals*, outra companhia de Coltan controlada pelo exército ruandês.

Objetivo: dividir o Congo

Estes obscuros negócios são, em primeira instância, os culpados de uma guerra dramática, mas esquecida. Sobre o território da RDC existe a ameaça da divisão em vários estados, o que facilitaria a exploração dos recursos. Isto já foi pressentido e denunciado por Cristophe Munzihirwa, arcebispo de Bukavu – e por isso o exército ruandês o assassinou.

Mais recentemente, o bispo congolês de Kaminha, Jean-Anatole Kalala Kaseba declarou:

“os que criaram esta situação podem terminá-la, especialmente os EUA. A ONU está ali, inclusive na minha diocese. São observadores. Têm um programa que não querem dizer-nos. Asseguram que vieram para interpor-se aos beligerantes, mas vem a confirmar a repartição do país. Preferiríamos que estivessem em todas as cidades, mas não estão presentes em Uganda nem em Ruanda. Temos razões para crer que foram enviados pelas multinacionais. O presidente de Botsuana Kett Masire – o mediador do conflito congolês – disse claramente que se fracassar o diálogo inter-congolês, a ONU tomará de novo o país em suas mãos. Não é novidade. Esta guerra foi provocada para isso. A ONU quer que fracasse o diálogo inter-congolês para dirigir o país como um protetorado. Creio que a ONU está hoje a serviço de uma grande potência e faz o que esta quer”.

Isto não é apenas um temor. Em março de 2002, o governo de Ruanda, que converteu parte de Kivu em uma extensão de seu território, se apropriou de todos os serviços telefônicos nacionais de Buvaku.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

CURIOSIDADES

Você sabe a origem do TABACO?

O nome Tabaco vem da ilha das Antilhas ‘Tobago’, onde a planta brotava naturalmente. Ela foi descoberta pelos espanhóis (fim do século XV) e levada para a Europa. Os portugueses a descobriram no Brasil, onde ela era conhecida com o nome de ‘petum’. As primeiras sementes de ‘petum’ foram levadas para Paris em 1560 por Jean Nicot, embaixador da França em Portugal. Daí o nome do alcalóide ‘nicotina’.

Em 1492, ao desembarcar na América, Colombo notou que os ameríndios já fumavam o tabaco.

Jaime I, rei da Inglaterra de 1603 a 1625, dizia que o tabaco era “uma erva repugnante para o olfato, perigosa para a saúde e nefasta para o cérebro, cujas exalações pareciam sair dos antros infernais”.

Mais de 500 anos depois o tabaco continua a fazer suas vítimas.

Fonte: Correio do Povo, Porto Alegre, 20 de maio de 2013.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel

AHIMTB – IHTRGS

lecaminha@gmail.com